

A DIFUSORA A VOZ DAS ESPINHARAS: PATOS EM SINTONIA COM O MODERNO

Josinaldo Gomes da Silva¹
gomesjosinaldo@yahoo.com.br

Introdução

O presente trabalho tem como eixo central analisar o impacto que a difusora *A voz das Espinharas*, exerceu no cotidiano da cidade de Patos, no Sertão paraibano, nos idos de 1940 e 1950. Assim sendo, inicialmente procuramos recuperar recortes inerentes a instalação do referido meio de comunicação em Patos, fato esse que ocorre no ano de 1938, quando o Sr. Manoel Cabral da Nóbrega, conhecido popularmente por “Mané Lino”, comprou a difusora de Sinfrônio de Azevedo, que já funcionava em Patos, desde o início da década de 1930. E a partir daí passou a chamá-la de *A Voz das Espinharas*.

Os programas veiculados na difusora em questão, programas esses, que poderiam ser assistidos no seu auditório, ou ouvidos nos alto-falantes espalhados pela cidade. Guardadas as devidas proporções de tempo e lugar, trouxeram um ar de modernidade para a urbe sertaneja. Visto que, além dos programas de músicas, onde o público poderia ouvir a voz dos famosos cantores do rádio, o referido meio de comunicação também trouxe para Patos, as notícias da guerra. No entanto, através de suas propagandas, estimulava o público patoense a entrar na moda, usando o creme, as roupas, os chapéus entre outros insumos modernos, *preferidos pelos artistas do rádio e do cinema*. Cabe ressaltar também que o meio de comunicação em questão, não esqueceu a cultura local, pois transmitiu os principais acontecimentos da cidade, e divulgou também os artistas locais, nos famosos programas de calouros.

Entendemos que a primeira dificuldade que se apresenta a quem resolve se debruçar na investigação da temática ligada ao moderno, diz respeito a sua natureza ambígua e mutável. “Ele é transitório por natureza; é aquilo que existe no presente. O moderno do ano passado seguramente não é o moderno deste ano” (VELLOSO, 2010, p.11). Assim sendo,

¹ Mestre em História na UFCG (Universidade Federal de Campina Grande –PB), membro do grupo de estudo Teoria da História e História da Historiografia, também ligado a UFCG, professor de História no ensino médio na rede Estadual de Ensino da Paraíba, e na rede Municipal de Ensino de Salgadinho –PB.

o que era necessário para ser moderno em Patos, entre 1930 e 1950? Não há uma única característica que possa resumir tal comportamento, todavia, estar em sintonia com as notícias, e por sua vez, com o ritmo de vida do mundo dito civilizado, podia ser visto como um dos comportamentos desejados para uma pessoa moderna. Nessa perspectiva, *A Voz das Espinharas*, seria uma das pontes entre Patos e o moderno².

Portanto, buscando analisar as representações³ sociais construídas em torno de *A Voz das Espinharas*, adentramos a memória⁴ de algumas pessoas que viveram a referida temporalidade, dessa forma, entendemos que os relatos de memória “podem até comportar características ficcionais, porém o universo do social e a sensibilidade de uma época se revelam diante do leitor de maneira verossímil, convincente” (SILVA, 2011, p.27).

Cabe ressaltar que não pretendemos cair na ingenuidade da Escola Metódica⁵, em querer atingir uma objetividade indiscutível na pesquisa histórica, contudo, por outro lado

² Gostaria de deixar claro para os leitores que nesse artigo estamos discutindo o tópico referente *A Voz das Espinharas*, no entanto, em nosso trabalho de Dissertação de mestrado em História, analisamos a recepção a outros equipamentos moderno na cidade de Patos, a exemplo do: trem de ferro, cinema, rádio, imprensa escrita, entre outros. Sobre esse assunto ver: SILVA, Josinaldo Gomes. *Imagens do moderno em Patos PB: (1934 -1958)*. Campina Grande – PB; UFCG, dissertação de mestrado em História, 2011.

³ A noção de representação que adoto, sempre que o termo for utilizado no decorrer deste trabalho, é fundamentada na discussão empreendida por Roger Chartier, em seu livro que tem como título *A história cultural: entre práticas e representações* (1990). Segundo ele, mais do que o conceito de mentalidade a representação permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos, seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p.23). Dessa forma, assim como defende Chartier, “as percepções do social, não são de forma alguma discursos neutros” (CHARTIER, 1990, p.17), porém, é possível elaborar uma narrativa verossímil do passado.

⁴ Devo deixar claro que apesar de reconhecer a existência de características comuns entre a memória e a história, defendemos a especificidade de ambas, sobre a narração do passado. Segundo Fernando Catroga, 2001 p.44 parece excessivo defender tanto a existência de uma diferença radical, como uma semelhança entre a memória e a história. Mais avisadamente Paul Ricoeur fala numa relação ‘indécise’. De fato, facilmente se aceita que ambas constituem modalidades essenciais de afirmação da consciência histórica e que as suas narrações não são uma mimese do espaço e do tempo reais, porque referenciam ‘objetos ausentes e presumem a sua onticidade. Deste modo, a *imaginação memorial* e a *imaginação histórica* não podem ser confundidas com a *imaginação artística*: para esta, a referencialidade e a verificação não constituem condições essenciais para a ordenação do seu discurso; e é-lhe indiferente o problema da comprovação da verdade e o da verossimilhança, porque a sua especificidade consiste, sobretudo, em produzir efeitos estéticos. Por sua vez a recordação e a historiografia constroem *re-presentificações* que interrogam os indícios e os traços que ficaram do passado (APUD SILVA, 2011, p.26).

⁵ A escola metódica tenta impor uma forma de pesquisa, que afaste qualquer especulação científica, visando a objetividade absoluta na história, nos moldes das ciências da natureza. Pois despreza a subjetividade do historiador, louva o apagamento do mesmo por detrás dos textos, e dessa forma, na sua postura ingênua, acredita que, uma vez o historiador, portando de fontes seguras, tem acesso direto a realidade. Para os positivistas a consciência é epifenomênica e inteiramente relativa às condições objetivas. E, por isso,

evitamos mergulhar numa ingenuidade ainda maior, que é a perda da referencialidade presente no discurso pós-moderno. Visto que, como trabalha com indícios, o trabalho do historiador consiste em compará-los, para chegar ao que Paul Ricoeur (2007) denomina de representação historiadora.

Assim sendo, nas linhas abaixo, a nossa empreitada é rastrear os discursos de memória relacionados *A Voz das Espinharas*, numa perspectiva de entender como se deu a recepção a esse equipamento moderno na cidade de Patos.

1. A presença da difusora *A Voz das Espinharas* na cartografia urbana de Patos: pontos de novas sociabilidades

No interior do Brasil, as difusoras tiveram papel importante, chegando ao ponto de merecer, em 1941, uma legislação especial do Estado Novo. “Em 28 de agosto de 1941, Lourival Fontes, diretor do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, baixou uma série de instruções que regulavam o funcionamento dos serviços de alto-falantes” (AZEVEDO, 2002, p.70). Assim sendo, a primeira difusora que se tem notícia em Patos, data de meados dos anos de 1930 e pertencia a Sinfrônio de Azevedo. Essa difusora funcionou na parte de cima do sobrado que pertencia a Tobias de Medeiros, onde se encontra atualmente o Banco Real. Em 1938 Sinfrônio de Azevedo vendeu o serviço de som para o senhor Manuel Cabral da Nóbrega (conhecido popularmente por Mané Lino), que imediatamente passou a chamá-la *A Voz das Espinharas*. Manuel Cabral dedicou toda a sua vida a esse empreendimento.

Segundo Marão que foi cambista da chave de ouro de seu João Cosme: quando Mané Lino comprou em 1938 a difusora a Sinfrônio de Azevedo fez sua transferência para o sobrado de propriedade de Dr. Basílio que existia na esquina da Rua Major Miguel, bem ao lado da Minerva de seu Zé da livraria. Mudou-se em seguida para o prédio da mesma rua onde o Dr. Basílio teve a sua primeira farmácia, atual casa número 40 e ali permaneceu até o encerramento de suas atividades.⁶

acreditavam na possibilidade de uma ciência social nos moldes das ciências naturais. Para eles o mundo humano está tão submetido as leis, é tão determinado e, em consequência, tão cognoscível quanto o mundo da natureza. Portanto, a escola metódica, continua a dominar o ensino e a investigação em história nas universidades até aos anos de 1940; inscreve uma revolução mítica da coletividade francesa – sob forma de uma galeria de heróis e de combates exemplares – na memória de gerações de estudantes até os anos de 1960 (SILVA, 2011, p.27)

⁶ APUD *Patos em Revista*, Patos- PB: Gráfica JB, Ed. Histórica 2005.

A difusora *A Voz das Espinharas*, popularmente conhecida como “Difusora de Mané Lino”, tinha 20 projetores⁷ de som espalhados na cidade (ver ilustração número 01), representou uma maneira inovadora de comunicação, descrita pelo memorialista Osvaldo Brandão Torres (Vavá Brandão):

Mané Lino tinha visão futurista e já naquela época transmitia bailes, fazia programas de calouros, retransmitia os noticiários da BBC de Londres durante a guerra, retransmitia a Voz do Brasil, mantinha noticiários regulares, transmitia comícios políticos, solenidades, as grandes festas (sete de setembro, festa da cidade etc), transmitia a missa e fazia tudo o mais que o rádio faz hoje.



Ilustração número 01: Alto-falante da difusora *A Voz das Espinharas*. Acervo da Fundação Ernani Sátiro – Patos – PB

Os locais onde os projetores de som da difusora foram instalados tornaram-se bastante visitados. O cenário da foto é a Rua Grande, principal rua da cidade, sendo possível observar no poste um dos projetores de som que fazia parte dos 20 (projetores) que a difusora *A Voz das Espinharas* tinha na cidade. A foto parece pousada, sendo possível observar uma aglomeração de pessoas, dando mostra que o local muito provavelmente era um ponto de chegada e partida de automóveis, uma espécie de rodoviária, pois o automóvel que podemos visualizar bem no centro da foto, parece ser uma Marinete.

⁷ Devo deixar claro que é possível encontrar depoimentos que afirmam que “A Voz das Espinharas” tinha 22 (vinte e dois) projetores de som. E como sabemos que esse número é passível de aumentar ou diminuir, ambas as afirmações podem está corretas.

No entanto, a maior prova da inteligência e da visão inovadora de “Mané Lino” foi quando da paralisação da Rádio Espinharas, por quase três anos. Ele mandou fazer um pequeno transmissor, por Mestre Abdon e entrou nos lares da região. Foi, graças ao funcionamento irregular da Rádio Espinharas, que nos “anos dourados”⁸, a difusora *A Voz das Espinharas* exerceu até certo ponto o papel de rádio. Era responsável por interligar a cidade com as principais notícias do mundo, e fez com que o local dos seus retransmissores de som se tornasse ponto de grande concentração de pessoas, e por sua vez, pontos de novas sociabilidades, visto que além de ouvir os programas veiculados pela difusora, as pessoas ali presentes trocavam idéias sobre os principais acontecimentos locais, nacionais e até mesmo internacionais⁹. Segundo o memorialista Solon de Medeiros Filho:

A programação da difusora de Mané Lino começava no momento em que era ligado o motor da luz, às 17:30 (horas), terminava por volta das 21 horas quando ele dava o primeiro sinal alertando para o seu desligamento às 21:30 (horas). Em 1949¹⁰, seu Mané Lino adquiriu um amplificador de maior potência, podendo agora sua difusora ser sintonizada por receptor de rádio num raio de até uns dez quilômetros, sendo a partir de então adotado o slogan, “A Difusora de Patos falando mais alto para mais longe.”

Seu Mané Lino sempre foi favorável a divulgação da cultura, nunca se negando em colocar a Difusora à disposição dos estudantes para a realização de programas de comemoração a datas consideradas importantes. Descobrimento do Brasil, Tiradentes, Independência do Brasil e outras. Nunca se descuidava de anunciar o acontecimento, procurando assim obter o máximo de audiência.

-Atenção!Atenção! hoje às 19:30 (horas) teremos nesta difusora a comemoração do dia de Tiradentes a cargo dos alunos do Ginásio Diocesano de Patos. Na ocasião serão ouvidos vários oradores que enaltecerão o grande brasileiro. Não percam! Não percam! Será às sete e meia da noite! (MEDEIROS FILHO, 2004, p.47-48).

Cabe ressaltar também, a divulgação de atividades esportivas, pois segundo depoimento de Romero Nóbrega¹¹, nos idos de 1947, precisamente no mês de maio, o

⁸ Denominação dada por alguns historiadores, políticos, sociólogos e jornalistas, ao período que vai de 1950 a 1959, pelo fato de acreditarem que esse foi um dos momentos mais importante da história nacional, tendo sido criados vários termos para defini-los.

⁹ Muitas pessoas que se dirigiam aos locais onde estavam instalados os alto-falantes da difusora (entre os anos de 1939 e 1945) iam também em busca de notícias guerra.

¹⁰ Com relação à sintonização da difusora em aparelhos de rádio, há uma pequena discordância entre os depoimentos de Vavá Brandão e Solon de Medeiros, pois enquanto o primeiro afirma que se deu durante a paralisação da Rádio Espinharas, fato ocorrido em 1953, o segundo afirma que a referida sintonização teria se dado em 1949. O fato é que *A voz das Espinharas* adentrou também os lares patoenses através de sua sintonia em aparelhos de rádio.

¹¹ Apud SOUSA, José Romildo. *Álbum do futebol 90 minutos*. Patos-PB: Sal da Terra, 2008, p.96

Treze Futebol Clube de Campina Grande - PB fez sua primeira apresentação em Patos, jogando contra o lendário Botafogo de Inocência de Oliveira. A histórica Difusora de “Mané Lino”, com 20 serviços de som instalados nos principais pontos da cidade - era esse o comercial da antiga *A Voz das Espinharas* - passou meses anunciando a grande partida de futebol, e no dia do esperado jogo, anunciou a escalação dos times de instante em instante. Após a importante partida de futebol, que terminou com o seguinte placar: Botafogo: 6 X Treze: 5, a referida difusora passou mais alguns meses divulgando o placar e exaltando o famoso Botafogo de Inocência de Oliveira.

Os seus programas de auditório, sempre às terças e quintas-feiras, disputavam a audiência da rua; marcaram época e tiveram sempre grande aceitação por parte da população local. Vale aqui relembrar o *Trio Sucesso*, que tinha a participação de Ferreira Filho, Dea Silva e Pedro Sales e, *Miscelânea Sonora*, apresentado por Ari Rodrigues e que contava ainda com a presença de Carminha Ramos, Diva Xavier, Luiz Oliveira, Basto Oliveira, Zé Caunha, Edizio Lima e João Vieira.



Ilustração número 02: Apresentação das cantoras Ione de Souza e Maria do Carmo no programa *Miscelânea Sonora*. (Reproduzida do suplemento do jornal A União de 14 de novembro de 2000)

A animação era a marca registrada dos programas de auditório na difusora *A Voz das Espinharas*, como podemos observar a partir da foto acima, no momento em que as cantoras Ione de Souza e Maria do Carmo se apresentavam no programa *Miscelânea Sonora*, apresentado por Ari Rodrigues, a alegria parece contagiar a todos que se

encontravam no recinto. Em volta das cantoras encontravam-se componentes de outros grupos musicais que também se apresentavam no referido auditório. Em frente ao palco é possível perceber várias cabeças de pessoas dando mostra de que naquele momento o auditório de *A Voz das Espinharas* encontrava-se lotado, e na mais perfeita animação. Sendo assim, para os que não conseguiam uma vaga no pequeno auditório da difusora, restava-lhes procurar um dos locais onde se encontravam afixados os alto-falantes, e aproveitar a animação veiculada pelo referido programa de auditório.

Procurando ser fiel ao modelo de programação em voga nas principais emissoras de rádio do país, a exemplo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde os programas de auditório já haviam se tornado uma verdadeira “febre”, pois “permitia a um pequeno grupo de pessoas assistirem ao vivo as produções e shows do cast radiofônico, compartilhando essa atividade com outras milhares de pessoas que só podiam ouvir as transmissões” (SOUZA, 2006, p.51), o pequeno auditório da difusora *A Voz das Espinharas*, tornou-se um local bastante procurado, pois o fascínio que os seus programas exerciam naqueles que se encontravam longe, apenas ouvindo, no rádio, ou nos projetores de som espalhados pela cidade, poderia ser vivenciado ao vivo, no pequeno auditório localizado na rua Miguel Sátiro. Segundo ainda Solon de Medeiros Filho:

Na difusora de seu Mané Lino, vários ‘speakers’ desfilavam com suas vozes forte, melodiosas e agradáveis. Um deles era destaque para todos os ouvintes. Crispim Pessoa. Era o mais entusiasmado, o mais vibrante, dando sempre muita ênfase a todas as propagandas que fazia, merecendo o aplauso de todos:
 -‘Atenção, atenção, toda a população de Patos! Acaba de adentrar à cidade o querido Bispo Dom Luiz do A Mousinho, o crrique dos Bispos!’
 ‘Batom Nhá-Nhá, o batom da mulherrrrr bonita! Batom Nhá-Nhá à venda na Perrrrfumaria Glória. Prrraça João Pessoa três...três... trrrinta e três’.
 -‘Remédio bom e barato é na farmácia Confiança’ se é da Confiança, pode confiarrrr. Farrrmácia Confiança, os três pauzinhos da Sólon de Lucena’.
 -‘Perrrfumes, brilhantinas, sabonetes, presentes finos para os amigos e parentes, todos do melhorrrr gosto, você encontra na Perrrfumaria Glória. A Perrrrfumaria Glória é bem ali na Prrraça João Pessoa, três... três.. trrrinta e três!’(MEDEIROS FILHO, 2004, p.47-48).

Além de Crispim Pessoa, o referido veículo de comunicação teve outros locutores que se destacaram, entre eles: Ramalho Silva, Luiz Pereira, Zé Rodrigues, Ari Rodrigues, Batista Leitão, Valdivino Araújo, Chiquim de Mané Lino, João Francisco (da bomba de gasolina). No apoio a estes profissionais existiam também os controlistas: Zé Gouveia, Lauro e Valdim de Mizael.

Cada locutor tinha o seu horário, precisava fazer de tudo, para o seu programa segurar a audiência, pois caso contrário poderia não encontrar patrocinadores. Daí a grande preocupação dos locutores em intercalar as notícias e demais atividades consideradas importantes, com as chamadas dos produtos dos seus patrocinadores. Dessa forma, a exemplo de Crispim pessoa, procuravam impressionar seu ouvinte, e cliente em potencial das marcas divulgadas no programa.

As propagandas veiculadas no referido veículo de comunicação davam ênfase a divulgação de produtos industrializados, o que contribuiu para que os referidos produtos fossem incorporados ao cotidiano dos patoenses.

Nesse contexto, as descobertas da indústria farmacêutica gradativamente foram incorporadas aos hábitos dos patoenses, que ao invés, ou juntamente, com os famosos chás e garrafadas, passaram também a utilizar os remédios da indústria química.

Incentivava também a população a colocar-se na moda, ou seja, usando o sabonete, e o creme dental (anunciado como o mais usado no Brasil, inclusive sendo preferido pelas estrelas do rádio e do cinema). Cabe ressaltar, que a “fluidez das comunicações facilitou a apropriação de elementos de muitas culturas, mas isso não implica que as aceitemos indiscriminadamente” (CANCLINI, 2008, p.33), daí ser possível falar em hibridação cultural, quando nos referimos ao encontro de culturas, que até então encontravam-se distantes. Com o rádio, e com os serviços de alto-falantes, muito comuns nas cidades do interior, as culturas se confrontaram, se hibridaram, construindo dessa forma novas culturas. Ao contrário do que pensava Adorno, quando reafirmou sua idéia de que a indústria cultural se funda em um domínio manipulatório da mensagem sobre o receptor: o consumidor não é o rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa história, mas seu objeto (AZEVEDO, 2002, p.24).

Batista Leitão, um dos antigos locutores da difusora em questão, em entrevista publicada no suplemento do Jornal *A União* de 14 novembro de 2000, destacou alguns recortes do cotidiano do referido órgão de comunicação de Patos, onde começou a trabalhar em 1951. Quando foi publicada a reportagem, Batista Leitão encontrava-se trabalhando no sistema *Itatiunga* de comunicação, na cidade de Patos, e continuava também com sua loja no mercado público da referida cidade, local onde, além de comercializar seus produtos, adorava relembrar fatos relacionados à sua longa trajetória

como profissional da comunicação. Relembrou momentos engraçados, como o que ocorreu após uma partida de futebol entre o Botafogo do Velho Inocêncio de Oliveira¹², de Patos, e o time do Piancó. O jogo foi realizado no campo do Estrela¹³ e o time de Patos venceu o jogo por 6 x 0 (seis a zero),

Após o jogo a difusora de Mané Lino tava tocando. Esse jogo não pode ser 1 a 1... quando um jogador de Piancó subiu a escadaria de madeira que dava acesso à difusora com uma grande faca na mão. Valdim de Misael, que se encontrava no controle e foi membro da filarmônica 26 de julho, não contou conversa e pulou lá de cima, por uma pequena janela enquanto o enfurecido jogador partia para Batista Leitão, que era o locutor do horário para tomar satisfação, inclusive passando a folha da peixeira na sua garganta. A sorte que Valdim no apancho não teve tempo de fechar o microfone e o povo na rua ouvindo todas as ameaças, correram e socorreram o Leitão¹⁴.

Outro fato ligado ao seu trabalho na difusora, que o nosso decano do rádio patoense, destacou em sua entrevista, foi quando Assis Chateaubriand, que pleiteava uma cadeira do Senado, trouxe a Patos a televisão para registrar o seu comício. “O comício aconteceu em plena Praça João Pessoa e, ali foram instalados em seus quatro cantos telas que transmitiram ao vivo todo o desenrolar do evento. A população patoense, superlotou o logradouro vibrou quando do aparecimento das figuras mais irreverentes”¹⁵. A *difusora A Voz das Espinharas* também transmitiu o comício, e nesse dia Batista Leitão ficou encarregado dos trabalhos preliminares. A apresentação das autoridades no momento do comício ficou a cargo de Hilton Mota. Enfim, outro momento que o nosso personagem também elegeu como de grande importância na sua carreira, foi quando a difusora cobriu a chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima, vinda de Portugal. Na oportunidade o Padre Assis, famoso orador sacro, “saudou em oração, a imagem peregrina de Nossa

¹² O referido time de futebol, desde 1946, ano da sua fundação teve como presidente o sr. Inocêncio de Oliveira. O “Botafogo do Velho Inocêncio de Oliveira”, assim como ficou conhecido em Patos e região, deu muitas alegrias aos torcedores patoenses, pois segundo declaração do próprio Inocêncio de Oliveira em entrevista ao *Jornal do Sertão*, a referida equipe de futebol passou quase sete anos invicta.

¹³ Este campo era localizado bem próximo de onde encontra-se atualmente o Estádio José Cavalcanti. Suas traves eram no sentido norte/sul, sendo uma mais ou menos onde está localizado o prédio do DNER e a outra no local onde encontra-se a Igreja de Nossa Senhora de Fátima. SOUZA, José Romildo. *Álbum do futebol + 90 minutos: a história do futebol em Patos*. João Pessoa- PB: Sal da Terra, 2008.

¹⁴ APUD Suplemento do Jornal a União, João Pessoa – PB, 14 Novembro de 2000

¹⁵ Idem

Senhora de Fátima que chegou a Patos às 09:00 (nove) horas da manhã do dia 22 de novembro de 1953”¹⁶.

Relatos memoriais demonstram o impacto da difusora *A Voz das Espinharas* cobrindo os principais acontecimentos da cidade, assumindo por muito tempo o papel (nas décadas de 1940 e 1950) reservado ao rádio, além de divulgar o que acontecia na cidade, trazia dos melhores estúdios e teatros as músicas mais belas, e comunicava as notícias de João Pessoa e do Rio. A BBC de Londres chegava-lhe às 21 horas com as notícias sobre a Segunda Guerra (MARIZ, 1985).

Entretanto, mesmo após a instalação da Rádio Espinharas (em agosto de 1950), durante a década de 1950, *A Voz das Espinharas* manteve seu status de importante veículo de comunicação de Patos, tendo em vista que os seus comerciais eram mais baratos. Apesar da Rádio Espinharas atingir maiores distâncias, deve-se levar em conta também o alto valor dos aparelhos de rádio que tornou sua popularização lenta.

A partir do depoimento da senhora Fildani¹⁷, percebemos que muito provavelmente a partir do início da década de 1960, quando a cidade de Patos recebeu energia gerada em hidrelétricas, possibilitou melhor funcionamento da Rádio Espinharas, os aparelhos de rádio ficaram mais acessíveis, por sua vez *A Voz das Espinharas* passou a entrar em decadência. O número de alto-falantes foi reduzido assustadoramente, restaram apenas cinco, do total de vinte. Contudo, nesse período a Rádio Espinharas ganhou cada vez mais espaço como veículo de comunicação. Segundo a senhora Fildani, “o povo ficava escrevendo e aí se pedia: mande uma carta de onde você estiver, para dizer como estar chegando o som da Rádio Espinharas aí. E o pessoal escrevia e mandava comunicar que o som estava chegando bem”. Todavia, apesar do avanço da Rádio Espinharas, a difusora de “Seu Mané Lino” funcionou até 1966, ano de sua morte. O mesmo foi sepultado no Cemitério São Miguel em Patos, e deixou um grande vazio na cidade.

2. Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Lia Calabre. *No Tempo do Rádio: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil 1923-1960*. Niterói - RJ: Universidade Federal Fluminense, tese de doutorado em História, 2002.

¹⁶ APUD Patos em Revista. Patos – PB: Gráfica JB, edição Histórica, 2005, p. 44

¹⁷ Depoimento concedido pela senhora Fildani ao pesquisador Josimar Gomes da Silva, em 30 de maio de 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2008.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/DIFEL, 1990.

MARIZ, Celso. *Cidades e Homens*. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985.

MEDEIROS FILHO, Solon de. *Estórias do meu tempo*. Olinda: Editora do Autor, 2004.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François (et al). Campinas- SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Josinaldo Gomes. *Imagens do moderno em Patos PB: (1934 -1958)*. Campina Grande – PB: UFCG, dissertação de mestrado em História, 2011.

SOUSA, José Romildo. *Álbum do futebol 90 minutos*. Patos-PB: Sal da Terra, 2008.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa, OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de (et al). *História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande*. Campina Grande: EDUFPG/EDUEP, 2006.

VELLOSO, Monica Pimenta. *História e modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.